



CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

Representações cinematográficas das orcas: ficção e ciência**Film representations of orcas: fiction and science**Isadora Santos Decanini Marangoni¹, Luís Gustavo Da Conceição Galego²**RESUMO**

O cinema pode criar perspectivas acerca dos temas que retrata, o que inclui abordagens filmicas voltadas para diferentes espécies de organismos, como ocorre no caso de diferentes animais marinhos. Nesse sentido, este trabalho analisou a construção das representações cinematográficas sobre as orcas (*Orcinus orca*) e seus possíveis desdobramentos no imaginário popular, além de discutir o seu impacto sobre a manutenção e manejo desses animais em cativeiro e apresentar uma proposta didática na perspectiva da Educação Ambiental que utilize esses filmes. Para isto, foram selecionadas cenas de três filmes nos quais as orcas são protagonistas e as narrativas e cinematografia foram analisadas na perspectiva da construção de personagem e das informações biológicas veiculadas. Nesse sentido, houve uma mudança na forma que as orcas eram representadas, outrora apresentadas como assassinas vingadoras e mais recentemente como animais afetivos, o que as torna mais suscetíveis para a sua utilização em espetáculos aquáticos e, com isso, maior probabilidade de um manejo inadequado. A partir dessa análise, foi possível propor uma ação didática com a utilização desses longas-metragens voltada para o conhecimento sobre esses cetáceos e para a reflexão sobre sua conservação e não-manutenção em cativeiro.

Palavras-chave: Orca, a baleia assassina; Free Willy; Blackfish; espécies-bandeira.

ABSTRACT

*Cinema can create perspectives on the themes it portrays, which includes filmic approaches aimed at different species of organisms, as in the case of different marine animals. In this sense, this work has analyzed the construction of cinematographic representations of orcas (*Orcinus orca*) and their possible developments in the popular imagination, as well as discussing their impact on the maintenance and management of these animals in captivity and presenting a didactic proposal from the perspective of Environmental Education using these films. For this, scenes from three films in which orcas are protagonists were selected and the narratives and cinematography were analyzed from the perspective of character construction and the biological information conveyed. In this sense, there has been a change in the way orcas were represented, formerly depicted as avenging assassins and more recently as affective animals, which makes them more susceptible for use in aquatic shows and, along with that, presents a greater probability of their inadequate handling. From this analysis, it was possible to propose a didactic action with the use of these feature films focused on knowing these cetaceans and on reflecting about their conservation and non-maintenance in captivity.*

Keywords: Orca, the killer whale; Free Willy; Blackfish; flagship species.

¹ Universidade Federal do Triângulo Mineiro – UFTM, Uberaba/MG – Brasil. E-mail: isadecanini@gmail.com

² Idem. E-mail: luís.galego@uftm.edu.br



1. INTRODUÇÃO

As mídias digitais (filmes, plataformas de *streaming* e a televisão) constituem uma das principais formas para se atingir grandes públicos (OLIVEIRA, 2006), de forma que vários são os conteúdos disponíveis que buscam levar os espectadores a sentir todas as emoções que se tem ao estar em uma selva, em uma savana ou mesmo no mar. (SILK *et al.*, 2017). De fato, o cinema apresenta diversas potencialidades tanto relativas ao entretenimento quanto aos seus usos sociais em diferentes esferas culturais que incluem a política, a ciência e a educação. (CATELLI *et al.*, 2005). Porém, esses mesmos conteúdos, por limitação das próprias mídias (transmitem somente dados como imagem e som), podem apresentar representações que se aproximam ou se afastam da realidade que procuram retratar.

A retratação de animais em produções midiáticas audiovisuais, por exemplo, geralmente apresenta uma personificação deles, buscando representar, nesses organismos, expressões humanas não apresentadas em animais não humanos, enfatizando-as de forma irreal ou exagerada. (VIZACHRI, 2014; SILK *et al.*, 2017). Um exemplo disso, conforme discutido por Silk *et al.* (2017), ocorre com as representações cinematográficas das orcas (*Orcinus orcas*). Os cetáceos já foram personagens em diversos filmes que os retratam de forma vingativa e raivosa, como ocorre em *Orca: The Killer Whale* (Orca a baleia assassina, 1977), de Michael Anderson, ou demasiadamente leal e empática com humanos, como é o caso de *Free Willy* (1993), de Simon Wincer.

As orcas geram grande fascínio em humanos, o que pode ser constatado não só pelo protagonismo no cinema, mas também na prática de capturá-las e mantê-las em cativeiro, bem como utilizá-las como objetos de exibição em parques aquáticos e outros do gênero. Tudo isso levou os humanos não só a retratá-las e capturá-las ao longo dos anos, mas também criar uma mitologia acerca de seu comportamento.

A denominação popular delas como baleias assassinas (*killer whale*) reflete essa percepção humana sobre o comportamento das orcas, apesar de não existirem registros de ataques a humanos por Orcas em ambientes naturais. (ANDERSON; WAAYERS; KNIGHT, 2016; RECHBERG, 2011). Na verdade, a origem do nome vem do fato de muitos marinheiros terem visto alguns hábitos alimentares da espécie que configuravam, na perspectiva humana, comportamentos de "tortura" com as presas. (FORD *et al.*, 2005).

As orcas são capazes de percorrer distâncias continentais em busca de condições climáticas melhores para reprodução e maior abundância de alimento. (SUÁREZ-ESTEBAN; MIJÁN, 2017). E mesmo sendo um animal de hábito migratório intenso, cerca de 47 indivíduos são mantidos em aquários em todo o mundo (JETT; VENTRE, 2015), e um reflexo dessa popularidade pode estar relacionada a série de filmes *Free Willy*, que retratam as orcas como animais simpáticos e com grande afinidade pelos humanos. (WEARING; BUCHMANN; JOBBERNS, 2011). Apesar da manutenção de orcas em cativeiro possibilitem que as pessoas conheçam esse animal, uma vez que dificilmente alguém conseguiria vê-las em seu ambiente natural, essa prática também enfatiza uma perspectiva de que esses animais devem ser exibidos aos humanos e que coubesse a nós a decisão de aprisioná-los e torná-los nossas propriedades. Existem alternativas para a manutenção no cativeiro, que incluem o desenvolvimento do turismo de observação desses animais em ambientes naturais, como ocorre nas práticas de *Whale Watching* (SILVA JR., 2017) ou a utilização de produções audiovisuais que as retratem. De fato, a observação de cetáceos em seus ambientes naturais e de atividades com interação cetáceos humanos apresentam uma grande demanda no



mundo inteiro e são bastante comuns inclusive no Brasil. (SCARPACI; DAYANTHi, 2003; BOAS; DIAS, 2010; SILVA JR., 2017). Essa prática pode propiciar benefícios econômicos às populações locais, a pesquisa científica sobre esses mamíferos aquáticos e o desenvolvimento de campanhas educacionais e de conservação do ambiente marinho, apesar de poder produzir mudanças no comportamento desses organismos. (BARRETO; ALVARENGA, 2008). Por outro lado, as mídias digitais possibilitam a aproximação com esses organismos sem que haja o movimento de milhares de pessoas ao seus *habitats*, ao mesmo tempo em que criam impressões sobre eles (LOADENTHAL; STEPHAN, 2016), apesar da possibilidade de antropomorfização desses organismos que, por vezes, distancia-os da sua realidade biológica.

A questão biológica frequentemente é abordada no cinema, sobretudo na perspectiva da biodiversidade. Filmes infantis, como *Rio* (2011), de Carlos Saldanha, e *Madagascar* (2005), de Eric Darnell e Tom McGrath, retratam não só animais com hábitos humanos, mas também em seu ambiente natural quase sem interferência humana. (YONG, 2011). Dessa maneira, apesar da ambientação bem realizada dessas produções, as questões acerca dos impactos sobre a biodiversidade desses ecossistemas são quase que inteiramente ignoradas.

A representação de animais como protagonistas em histórias humanas é bastante comum em muitas produções cinematográficas, como é o caso da animação da Pixar *Ratatouille* (2007), de Brad Bird, e do longa-metragem *Hachi: a dog's tale* (Sempre ao seu lado, 2009), de Lasse Hallström, além daquelas cujo as orcas são protagonistas, como ocorre em *Free Willy* e *Orca, a baleia assassina*.

O filme *Free Willy*, apresenta uma orca que desenvolve afeição por um garoto rebelde, com o qual cria laços de amizade. No caso de *Orca, a baleia assassina*, o cetáceo é representado como uma criatura com sede de vingança. Um terceiro filme com orcas como protagonistas é o documentário *Black Fish* (2013), que trata de uma série de capturas que foram feitas durante os anos 1980 e mostra a vida desses animais em cativeiro até um grande desastre que aconteceu no parque *Sea World Orlando*.

Discussões envolvendo a representação desses mamíferos no cinema tornam-se importante pois possibilitam captar uma construção de sentidos que permite compreender como as pessoas percebem esses cetáceos. Além disso, o cinema pode ser uma ferramenta chave para a construção da empatia por esses animais e, assim, diminuir a procura por espetáculos que os utilizem como atração.

Nesse sentido, o objetivo deste trabalho é analisar o conteúdo imagético do cetáceo *Orcinus orca* no cinema, avaliar as possíveis construções de sentido que esta poderia produzir no imaginário popular e discutir o impacto dessas representações cinematográficas na percepção sobre a manutenção desses animais em cativeiro.

2. METODOLOGIA

Para atingir esses objetivos, foi realizado uma Pesquisa Bibliográfica na qual foram selecionados artigos publicados em periódicos, reconhecidamente aceitos pela comunidade científica que tratam da questão problema: a biologia de *Orcinus orca* e a representação cinematográfica desses mamíferos em três longas-metragens: *Orca, the killer whale!* (*Orca, a baleia assassina*, 1977), de



Michael Anderson, *Free Willy* (1993), de Simon Wincer e *Blackfish* (Fúria animal, 2013), de Gabriela Cowperthwaite.

A seleção do material bibliográfico foi realizada por meio de descritores que permitiram localizar, nos bancos de dados de artigos científicos, publicações sobre o tema e seus desdobramentos. Alguns dos descritores que foram usados: *Orcinus orca* (*Orca*); *manejo de Orcinus orca* (*Orca*). Buscas utilizando a junção dos descritores anteriormente citados entre si e com outros como *Documentário*, *Ficção*, *Cinema*, *Representação cinematográfica* também foram realizadas. Os sítios de busca de artigos científicos que foram utilizados incluem o Scielo (Disponível em: <http://www.scielo.com>), o Google Acadêmico (Disponível em: <http://scholar.google.com.br>), o Periódicos CAPES (Disponível em: <http://www.periodicos.capes.gov.br>) e o PubMed (Disponível em: <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed>). Foram considerados os resultados dos últimos dez anos (2010 a 2020), porém publicações anteriores também foram consideradas em virtude da relevância com o tema. Após a seleção do material, a leitura e fichamento do mesmo seguiu-se a metodologia proposta por Lima e Miotto (2007), para a realização da Pesquisa Bibliográfica.

Para as análises das cenas selecionadas dos filmes foram considerados, além do tempo, o tipo de plano utilizado (abertos e fechados), que consiste no enquadramento dado a câmera perante a montagem da câmera, bem como seu predomínio foram analisados conforme estabelecido por Galego e Pereira (2020) e Cruz e Galego (2020). Além disso, as informações “científicas” veiculadas em cada cena foram analisadas conforme o plano utilizado (e outros elementos cinematográficos, tais como iluminação, som e trilha sonora) para a análise do sentido gerado.

Como forma de ilustração do que se passa durante os filmes, foram utilizadas capturas de imagens (*screenshots*) das cenas pré-selecionadas e, a partir delas, foi feita uma análise de seu conteúdo relacionada à bibliografia levantada.

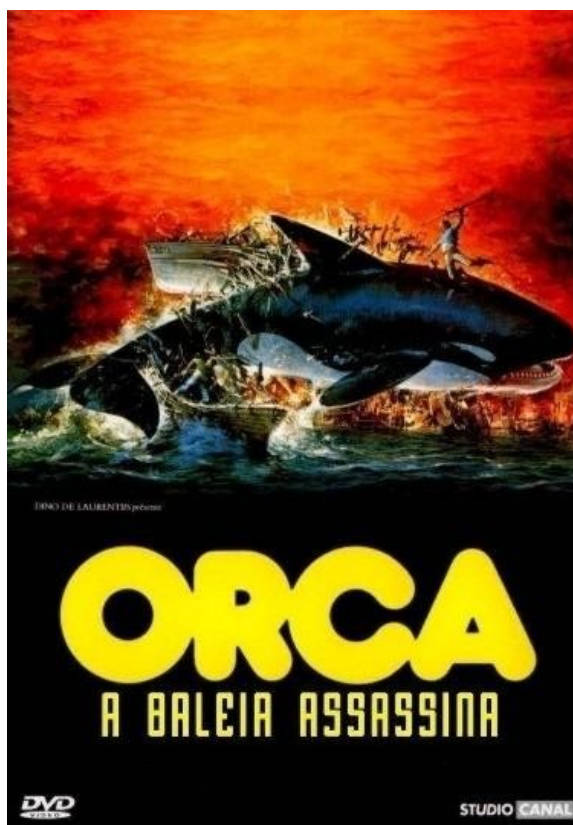
3. A BALEIA É ASSASSINA?

O clássico filme do final dos anos 70 *Orca*, a baleia assassina (*Orca: The Killer Whale*, 1977, Figura 1), de Michael Anderson, representa a orca como um animal não só cruel, como o nome comum sugere, mas também vingativo e até mesmo capaz de arquitetar planos complexos em busca de seu objetivo. Em linhas gerais, a narrativa é sobre um pescador chamado Nolan que decide caçar uma baleia orca por esta parecer bastante rentável financeiramente, porém, em sua primeira captura, ele captura uma orca fêmea prenha que sofre aborto e morre no barco. A alguns metros, na água, outra orca, que também fora atingida de raspão na nadadeira dorsal, observa tudo e parece estar sofrendo muito com a captura da outra. No decorrer do filme, essa segunda orca realiza uma série de tentativas para afetar o capitão Nolan, a ponto de fazê-lo enfrentá-la. A luta entre os dois antagonistas (Nolan X Orca) se assemelha a uma batalha de gladiadores, e termina com a morte do capitão e de todas as outras pessoas que o ajudavam pela orca.

A orca, nesse filme, é apresentada de forma ao mesmo tempo deslumbrante e cruel, imagem esta registrada pela descrição de uma cientista (Annie) que reforça a imagem de um animal assassino e implacável, validado cientificamente e contribuindo para a construção do imaginário popular sobre o animal. Annie acompanha o Capitão Nola durante as capturas das orcas e constitui o personagem que “valida” a perspectiva do senso comum.



Figura 1 – Cartaz do filme *Orca, the killer whale!* (Orca, a baleia assassina, 1977).



Fonte: Disponível em: <https://encrypted-tbn0.gstatic.com/images?q=tbn:ANd9GcQ8a-6JXqhHoCMY8jqrXF-VFny9I0eZVIBgTEEH30JDonXddjAg>. Acesso em: 03 mai. 2021.

Duas cenas, em particular, ilustram essa perspectiva do filme, as quais são descritas a seguir.

Cena 1 – A captura da Orca (17m20s a 21m05s) – Figura 2

Capitão Nolan se prepara para acertar a orca com um arpão, ele acerta a nadadeira dorsal de uma e as costas de outra, encravando o arpão com a ponta cheia de veneno. A orca se debate.

Capitão Nolan: *Meu deus do céu o que é isso...*

Annie: *Você errou o macho... Acabou acertando a fêmea.*

Capitão Nolan: *A voz parece de um ser humano.*

Annie: *Não é ele, é ela...*

Capitão Nolan: *Como sabe?*

Annie: *Barbatana em forma de gancho.*

Capitão Nolan: *Paul, ela virou! Paul, tudo a bombordo, velocidade total (O capitão e Annie correm de um lado para o outro dentro do barco). Ela está voltando!*

A orca atingida pelo arpão se joga contra o motor do barco se cortando severamente.

Annie: *Ela está tentando se matar.*



Figura 2 – Screenshots da cena 1, de *Orca, the killer whale!* (1977).

A: tentativa de suicídio da orca-fêmea no motor do barco;

B: aborto e morte da orca capturada; e,

C: desespero da orca macho sobrevivente após o aborto e morte da orca fêmea.



Fonte: *Orca, the killer whale!* (1977).

A orca fêmea que foi atingida na nadadeira dorsal, por sua vez, se joga contra o motor do barco, claramente tentando se matar (Figura 2A). O suicídio parece ser um comportamento exclusivo da espécie humana, pois esse ato significa renunciar às condições naturais que são impostas. (MERLEAU-PONTY, 2006), o que ressalta a tentativa do roteiro e da direção do filme em atribuir humanidade às orcas. Pouco depois há um close na nadadeira machucada do macho se aproximando do barco, como se pensasse na situação e em como se vingar daqueles humanos que capturaram sua parceira.

Capitão Nolan: *Corte o motor. Novak, desça aqui para me ajudar a subir esse peixe maluco* (referindo-se de forma errônea ao cetáceo, no caso uma orca, eu faz parte do grupo dos mamíferos e não dos peixes).

A orca que teve a nadadeira atingida é vista em close rodeando o barco.

Novak: *A corda está firme.*

Capitão Nolan: *Atenção Paul, pode içar, e quando estiver fora d'água puxe para dentro. (Ele se mostra muito nervoso e instável olhando o animal sendo puxado para o barco)*



Annie: *Ela está perdendo muito sangue.*

Capitão Nolan: *Eu sei, eu sei, pare! (Paul para o guindaste com a orca em frente o capitão que fica observando).*

A cena muda para um close da parte ventral da orca, onde é possível ver um feto do animal sendo expelido para dentro do convés do barco (Figura 2B). Annie grita de horror com o ocorrido, novamente é mostrada a orca que teve parte da nadadeira arrancada e ela também emite um som parecido com um grito ao ver a cena (Figura 2C).

Com a tentativa de suicídio da orca, Nolan pede para amarrá-la e içá-la, o que produz uma das cenas mais horríveis do filme: a orca-fêmea aborta um feto (Figura 2B), que cai no convés do barco. Para enfatizar o horror, o feto sai do corpo da orca em câmera lenta, enquanto Annie começa a gritar ao ver a cena. Juntamente com o grito de Annie, a orca macho que estava analisando a cena, também grita muito alto e grave (Figura 2C).

Capitão Nolan: *(Incrédulo com a cena que está presenciando) Santo deus! (Ele faz gestos como se quisesse vomitar ao ver a cena, Annie vira o rosto para não presenciar mais e a orca que observa tudo de longe continua a "gritar"). (Ainda olhando o feto no convés) Tire do meu barco.*

Paul: *Droga esse cabo está emperrado.*

O capitão Nolan vai até uma mangueira de incêndio e a retira do suporte, liga-a e se utiliza da pressão do jato de água para empurrar o feto para fora do barco. Novamente é mostrado a orca que acompanha a cena de longe há um close em seu olho, novamente ele "grita" e mergulha.

Novak: *Tudo bem, ele já foi (o feto), já foi! A água o expulsou (ele abraça o capitão com um braço enquanto com o outro afasta a mangueira, o capitão Nolan não esboça reação).*

A cena apresenta a insistência do capitão Nolan em capturar a orca, independente do apelo e avisos de sua ajudante Annie, de forma que acaba alvejando duas delas, uma de raspão e a outra próximo à barriga. Fica claro no decorrer da cena que a orca que foi atingida de raspão é um macho (Figura 3), enquanto a que é atingida na nadadeira dorsal é uma fêmea, fato evidenciado por Annie ao citar o dimorfismo sexual das orcas presentes na nadadeiras. (FORD, 2009; RECHBERG, 2011). Também pode-se inferir que as duas orcas formavam um casal e a partir dessa cena é possível ver uma expressão de ira na orca macho, que fica rondando o barco no decorrer da cena. Esse comportamento no qual os animais de um mesmo bando são capazes de se organizar em torno de uma fuga ou uma caçada, se separando em grupos é enfatizado ao longo do documentário *Black Fish*, que também será aqui discutido. Porém, o comportamento da orca no filme de 1977 parece ter sido adaptado pela cinematografia para que o comportamento de perseguição fosse canalizado para a questão da vingança contra os humanos que os atacaram.

Nolan empurra, utilizando a pressão da água, o feto do convés, enquanto a câmera retorna para a orca macho, até que seu olho seja apresentado em super-close (Figura 4), o que gera uma angústia pois é possível perceber toda a irritação que a orca-macho estava sentindo.

A sonografia da cena 1 é inteiramente constituída por uma trilha sonora instrumental que tem picos de graves em momentos-chave, quando a orca é atingida pelo arpão, quando ela se joga contra o motor, quando o feto é expelido e quando há o close no olhar da orca-macho, além de produzir uma tensão no espectador.



Figura 3 – Screenshots de *Orca, the killer whale!* (1977), enfatizando a nadadeira ferida da orca-macho por Nolan.



Fonte: *Orca, the killer whale!* (1977).

Figura 4 – Screenshot de *Orca, the killer whale!* (1977) de um super-close no olho da orca-macho.



Fonte: *Orca, the killer whale!* (1977).

A próxima cena refere-se à forma como o macho foi capaz de planejar um contra-ataque aos barcos dos pescadores, de forma a forçar Nolan a enfrentá-lo em mar aberto. A capacidade do animal em elaborar e executar um plano meticuloso é maximizada em uma situação de veras inverossímil.

Cena 2 – *O revide da orca sobrevivente (33m38s – 36m40s)* – Figura 5

O capitão Nolan e Paul estão chegando ao cais onde seu navio passa por reparos dos danos produzidos durante os acontecimentos da Cena 1.

Capitão Nolan: *(Vozerio dos habitantes) Obrigado pela gravata (Entregando a paul).*

Paul: *Ficou bem em você.*

Al Swain: *Com licença! (Nolan assente) Nolan, não é?*

Capitão Nolan: *Sou eu...*

Al Swain: *Sou Al Swain, encarregado aqui.*

Capitão Nolan: *An, olá Al, como assim encarregado?*

Al Swain: *Ah você sabe, do sindicato dos pescadores. Trouxemos o seu barco para cá.*



Capitão Nolan: *Ah, sei (com uma expressão de riso e trocando olhares com Paul). Obrigado! (E toca Al Swain no ombro) Muito obrigado. Será que posso fazer alguma coisa em troca?*

Al Swain: *Não precisa não, é que South Harbour é um local receptivo sabe! (Nolan acha graça) E todo mundo se conhece, sabe das coisas. E aí anda tentando pegar uma baleia assassina das grandes, não é?*

Capitão Nolan: *Não (Sua expressão se torna séria). Não! Sabe... até que tentamos uma vez, mas mudei de ideia.*

Al Swain: *Ah, então provavelmente foi isso. Tem umas pessoas por aqui meio supersticiosas com essas coisas.*

Capitão Nolan: *Supersticiosas? Mas como assim?*

Al Swain: *Sabe como é que é, uma orca rondando por aqui o tempo todo acaba espantando os peixes (dá um riso com um aceno de cabeça para Paul). É nossa vida, não é? Você entende... (e torna a olhar para Nolan para depois de afastar).*

A cena é cortada para um quadro do mar e depois de alguns momentos aparece a nadadeira com um pedaço faltando, é a orca que sobrevivera ao ataque. Ela mergulha novamente e entra no cais dos pescadores. Enquanto isso na superfície, Nolan e Paul chegam ao barco danificado que está sendo reparado, Nolan fica olhando para o barco enquanto a orca bate com a cabeça no casco de um barco menor, os habitantes da vila ficam em polvorosa e tentam desesperadamente retirar pertences do barco afundando. Nolan observa a cena, enquanto a orca investe contra outro barco ancorado ali, Nolan sobe no mastro de seu navio, que não sofreu ataques do animal, para poder ver melhor, nesse momento ele consegue ver a nadadeira do animal exposta para fora d'água.

Essa cena enfatiza o instinto assassino da orca, em busca do algoz (Nolan) de sua parceira e indica que o animal seria capaz de arquitetar uma estratégia para se vingar. A orca-macho não só afunda os barcos que estavam no pesqueiro, para que os pescadores forcem Nolan a enfrentá-la, como também poupa o barco de Nolan para que esse possa persegui-la e enfrentá-la.

A cena se inicia com um diálogo entre Al Swain e Nolan, no qual é possível perceber que Al busca uma confissão de Nolan de admitir que a orca apareceu nas proximidades do porto por sua causa. Há uma ênfase na preocupação dos pescadores com a orca, que são supersticiosos em relação à presença do animal que poderia espantar os peixes dali, interferindo assim na pesca local.

A perspectiva sobre a orca como um mau augúrio é enfatizada com a chegada da orca à baía onde Nolan estava. Vale ressaltar que este tipo de enquadramento, a visão do animal, na cena B da figura 5, é conhecida como câmera subjetiva, a partir do ponto de vista do animal, que era um recurso incomum para a época do filme. Toda a ambientação da cena gera uma sensação de temor e negatividade, que reforça a construção das orcas como assassinas implacáveis, como um monstro a ser combatido, o monstro marinho. Essa representação pode impactar as ações de preservação da espécie, uma vez que muitas dessas ações são baseadas em imagens aprazíveis do animal foco da preservação (espécies-bandeira) que virtualmente atraía mais patrocinadores para financiar os projetos que focam esse determinado organismo. (VILAS-BOAS; DIAS, 2010).



Figura 5 – Screenshots da cena 2, de *Orca, the killer whale!* (1977).

A: diálogo entre Al e Nolan sobre a captura da orca;

B: visão da orca-macho ao entrar na baía onde estava Nolan;

C: perspectiva de Nolan ao observar a orca-macho se aproximando.



Fonte: *Orca, the killer whale!* (1977).

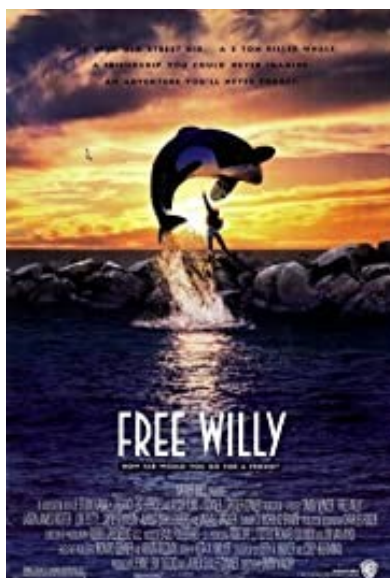
O filme *Orca, the killer whale!* (1977, de Michael Anderson) apresenta esse mamífero marinho com uma conotação negativa e de perigo iminente. Porém, outros filmes sugerem visões bem mais positivas desses mamíferos, como é o caso de *Free Willy* (1993, de Simon Wincer).

4. AS BOAS VIBRAÇÕES DE *FREE WILLY*

O filme *Free Willy* (1993, Figura 6), de Simon Wincer, foi um sucesso de bilheteria cuja narrativa cativante, e sua forma de tratar um animal do tamanho de uma orca como se fosse um animal de estimação, amigo de crianças, atraiu muitas pessoas a assistir e reassistir ao filme.



Figura 6 – Cartaz do filme *Free Willy* (1993), de Simon Wincer.



Fonte: Disponível em: https://www.imdb.com/title/tt0106965/?ref=fn_al_tt_1. Acesso em: 03 mai. 2021.

O filme narra a história de um garoto órfão (Jesse), deslocado da sociedade, que conhece uma orca (Willy) em um aquário. A orca está sendo treinada para realizar espetáculos. O garoto, cumprindo uma penalidade no aquário por ter vandalizado o local, desenvolve uma afeição imensa pela orca (Figura 7), tornando-se, posteriormente, o treinador dela. Porém, na estreia do espetáculo, a orca não conseguiu realizar as acrobacias, o que provoca a ira do proprietário do aquário. Com a intenção de recuperar o investimento feito na compra e manutenção do animal, o proprietário planeja então um “acidente” no qual Willy seria eliminada, o que gera toda uma jornada compartilhada por Jesse, a treinadora e o zelador do aquário em libertar Willy em mar aberto, de forma que ele se liberte do cativeiro.

Figura 7 – Screenshots de *Free Willy* (1993), que ilustram a relação afetiva entre Willy e Jesse.



Fonte: *Free Willy* (1993).

Cena 1 – *A orca não é uma baleia assassina? (29m35s – 30m30s)* – Figura 8

Após Jesse e Rae se conhecerem em frente ao tanque de Willy e conversarem por um breve momento, Rae pede ajuda ao garoto para preparar a comida do animal.

Rae: Hm, barriga aberta é lixo! (Jesse descarta o peixe que estava na mão, Rae Pega um peixe do balde) Olha isso é um peixe legal (pega outro) isso é peixe ruim. Peixe legal (aponta o primeiro)



peixe ruim (aponta o segundo, Jesse olha com cara de nojo para os peixes e coça o nariz). Todos os dias a gente tem que escolher o que o Willy pode comer dessa porcaria que compram para ela.

Jesse: Willy é uma baleia assassina, não é? Mataria a gente?

Rae: Não, (com uma expressão de riso) orcas só caçam, comem peixe. As vezes elas comem pássaros, lulas, doninhas, tubarões ... o que o Willy gosta é de salmão, é o chocolate dela! (A treinadora ri).

Jesse: (Eles continuam a trabalhar até Jesse pegar um peixe e ficar brincando com a carcaça, abrindo e fechando a boca do peixe) Peixinho, peixinho, peixinho...

Rae: Já limpou a pichação? (Jesse não responde e continua a trabalhar).

Essa cena contrapõe a visão da orca enquanto um animal assassino, enfatizado no filme anterior. No filme *Orca, the killer whale!* há uma cena, por exemplo, na qual um nativo diz ao capitão Nolan que ele deve fazer um ritual para aplacar a fúria do animal, e se este for feito de maneira correta ele seria deixado em paz. Em *Free Willy* por outro lado, a perspectiva se aproxima do comportamento natural do animal, enfatizando o nicho alimentar e subvertendo a ideia do instinto assassino, mas a de um predador que caça seus alimentos para sobreviver. Apesar disso, a visão sobre Willy é humanizada, uma vez que a treinadora assume que a orca tem preferências por salmão como alimento, em contraposição à perspectiva de assassina de humanos.

Figura 8 – Screenshots da cena 1, de *Free Willy* (1993).

- A: Jess questionando Rae sobre o instinto assassino das orcas;
B: Rae afirmando a Jess que as orcas não são assassinas; e,
C: Jess brincando com a carcaça de um peixe.



Fonte: *Free Willy* (1993).



Esta cena acontece dentro de um local fechado, que serve de galpão para organização do aquário. Apesar de ser um local sem luz direta, toda a cena é muito mais clara que grande parte do primeiro filme o que extingue qualquer aspecto de terror e suspense provocado pela baixa iluminação das cenas de *Orca, the killer whale!*, o que torna o filme *Free Willy* mais otimista e positivo.

Os filmes, como pode ser visto em apenas uma cena, são bem conflitantes com as visões que se têm acerca da forma como os animais agem e reagem à presença humana. Em *Free Willy* podemos entender que também há dor e sofrimento no animal, afinal Willy foi capturado e levado para fora do oceano e, apesar disso, ele não investe como um vingador contra aqueles que o capturaram.

Um ponto em comum para os dois filmes é o comportamento social e os elos familiares que as orcas apresentam, aspectos esses que fazem parte da biologia destes cetáceos (FORD, 2009), sugerindo que os animais possuem laços afetivos entre eles, o que também é enfatizado no documentário *Black Fish* que será analisado adiante.

O cativeiro produz diversas consequências para as orcas, o que é discutido em *Free Willy* na cena em que Jesse questiona a treinadora, a partir da observação de um pôster no qual há vários odontocetos (grupo que inclui os cetáceos dentados, tais como golfinhos e orcas), no qual a orca ali representada apresentava a nadadeira dorsal ereta e sem curvas, diferente daquela de Willy, que era curvada e para baixo (Figura 9). A treinadora explica, então, que isso ocorre em virtude do animal não ter espaço suficiente no tanque, o que é corroborado no trabalho de Alves *et al.* (2011) no qual é discutido como as nadadeiras dorsais podem se partir tanto por causa do pouco espaço para exercícios do animal quanto pela longa exposição ao ar quente que influencia na quantidade de colágeno da nadadeira e sua consequente resistência à dobra.

A perspectiva positiva do filme possibilitou a caracterização de orcas como espécies-bandeira, este conceito se aplica a animais que possuam algum apelo visual ou emotivo e que são elevados a representantes de seus habitats, de forma que atraiam mais recursos financeiros para a realização de ações de conservação inclusive para as demais espécies que coexistem naquele *habitat*. (VILAS-BOAS; DIAS, 2010). Parsons *et al.* (2003) e Scarpaci e Dayanthi (2003) enfatizam que os cetáceos em geral apresentam um grande potencial de sensibilização das pessoas, o que torna os animais desse grupo excelentes espécies-bandeira e ideias para o desenvolvimento de ações voltadas para a conservação. (MILLER JR., 2007).

De fato, na época da exibição do filme, os produtores organizaram uma campanha na qual houve a tentativa de se arrecadar recursos financeiros para a libertação do cativeiro da orca Keiko, utilizada nas gravações do filme. Porém, Keiko foi libertada em 2002 e viveu em liberdade em mares noruegueses por apenas 18 meses, até a sua morte por pneumonia em 2003. (SIMON *et al.*, 2009).

O filme também foi responsável por trazer à tona discussões sobre as condições de vida desses animais em cativeiro, motivadas pela pressão popular que culminou em discussões sobre o tema no congresso americano. (WEARING; BUCHMANN; JOBBERNS, 2011). Apesar de todo este movimento que o filme causou e a discussão sobre a manutenção desses animais em cativeiro, após o sucesso de *Free Willy* houve um aumento de visitas a parques aquáticos que apresentavam shows com orcas. (WEARING; BUCHMANN; JOBBERNS, 2011).



Figura 9 – Screenshots de *Free Willy* (1993).

A: Jess questionando Rae sobre a alteração na nadadeira de Willy;

B: A alteração na nadadeira de Willy; e,

C: Uma *Orcinus* orca com a nadadeira sem alteração.



Fonte: *Free Willy* (1993). Disponível em: <https://i.pinimg.com/originals/0d/29/de/0d29de86e38164c0534a0381def9f974.jpg>. Acesso em: 13 jul. 2021.

5. CATIVEIRO OU VIDA LIVRE: A FÚRIA ANIMAL

O filme *Free Willy* apresenta uma crítica à forma como o animal é tratado e a ganância daqueles que o adquiriram pensando em obter lucro com seu espetáculo. Apesar de ser um belo final, com direito a uma cena icônica da orca saltando por cima do garoto Jesse, imagem que serve de pôster do filme inclusive, as consequências do filme, tanto imediatas quanto ao longo de anos, não refletiram essa crítica.

O documentário *Black Fish* (2013, Figura 10), de Gabriela Cowperthwaite, traz à tona uma teia de relações que os parques aquáticos construíram em torno dos associados, do público e dos próprios animais para manter uma aura de companheirismo e de amizade entre as duas espécies, humanos e orcas. Ele relata os caminhos traçados por uma grande orca macho, Tilikum, a maior em cativeiro segundo o próprio documentário. A história de Tilikum é acompanhada desde sua captura em mar aberto até ele ser protagonista da morte de sua treinadora no *Sea World Orlando*, mais de 20 anos depois. Com o decorrer do documentário, o que parecia ser um acidente, um erro de cálculo, se mostra uma verdadeira tragédia há muito aguardada, porém ignorada.

No documentário é possível ver como os encarregados pelo parque realizaram um verdadeiro condicionamento no comportamento natural do animal, de forma a torná-lo um animal de estimação (Figura 11).



Figura 10 – Cartaz do filme *Blackfish* (2013), de Gabriela Cowperthwaite.



Fonte: Disponível em: https://www.imdb.com/title/tt2545118/?ref_=nv_sr_srg_11. Acesso em: 25 abr. 2021.

Figura 11 – Screenshots de *Blackfish* (2013), que ilustram o afeto dos treinadores e as orcas (A e B), e a interação de uma criança com o cetáceo (C), reforçando a visão de animais de estimação.



Fonte: *Blackfish* (2013).



De fato, os treinadores compararam seu trabalho como o de um treinador de cães. As memórias desses treinadores é reavivada a partir de imagens de seus antigos locais de trabalho, e eles relatam a lavagem cerebral a qual eram submetidos de forma a tornar o discurso geral de todos uniforme e consonante com a ideia de que os administradores do parque gostariam de veicular. Um discurso que era comumente reproduzido afirmava que os animais em seus ambientes naturais viviam menos que nos aquários, sendo que a expectativa de vida nos aquários é em torno de 30 anos e no ambiente natural pode passar facilmente dos 60 anos, com as fêmeas chegando aos 100 anos. (RECHBERG, 2011).

Apesar das somas de dinheiro movimentadas por esses parques passarem de muitos bilhões de dólares, isso nunca se refletiu no nível de cuidado destinado aos animais. Na verdade, esses animais apresentam diversos problemas de saúde e psicológicos por estarem cativos. (JETT; VENTRE, 2012, 2015; CLARK; ODELL; LACINAK, 2000; JETT *et al*, 2017).

São diversos os problemas que as orcas adquirem no cativeiro, tais como desgaste dentário mandibular de forma severa e maior suscetibilidade à transmissão de doenças propagadas por mosquitos do gênero *Culex*, em especial o vírus da encefalite Saint Louis (SLEV) e o Vírus do Nilo Ocidental. (JETT; VENTRE, 2012; JETT *et al*, 2017). Além disso, o documentário ressalta ainda que a captura e o cativeiro tem como consequência o isolamento do indivíduo fora do seu bando e inserção em um novo grupo estranho a ele, organização social muito importante para a vida desses animais. (FORD, 2009). *Blackfish* ilustra essa questão, relatando um incidente no qual uma das orcas incluídas no cativeiro é rejeitada pelo "bando" e duramente agredida pelas demais, culminado em seu óbito.

Burford *et al*. (2017) e Waller e Iluzada (2020) ressaltam que o documentário *Blackfish* contesta a retórica que a morte de Dawn Brancheau por Tilikum ocorreu em virtude de um erro da treinadora, e que nada tinha a ver com o histórico do animal e as condições do cativeiro. De fato, Tilikum foi retirado do mar com 2 anos e mantido em cativeiro no Canadá junto a duas orcas fêmeas adultas para que fosse treinado. Ele era estimulado a realizar o mesmo movimento que suas parceiras e, quando isso não ocorria, todos os animais ficavam sem alimento, o que produzia ataque das fêmeas a ele. Após um incidente controverso, envolvendo a morte de uma voluntária, Tilikum é transferido do Canadá para os Estados Unidos, onde passa a ser treinado no *Sea World*. Anos depois, já muito mais velho e servindo como reprodutor de diversas orcas que nasceram e viveram em cativeiro, novamente Tilikum se envolve num caso em que aparece com um corpo de um homem morto em suas costas. Apesar disso, o caso é abafado com a afirmação que o homem havia entrado escondido no tanque e se afogado. A agressividade presente em Tilikum foi negligenciada pelos administradores do parque, até que o infeliz incidente ocorrido com Dawn Brancheau fosse presenciado por centenas de espectadores em horário comercial.

6. AS ORCAS NO CINEMA: UMA APLICAÇÃO EM SALA DE AULA

As espécies-bandeira, como é o caso das orcas, apresentam inúmeras possibilidades para a utilização de estratégias de ensino voltadas para a conservação dessas espécies e de outras que coexistem no mesmo habitat. (SIMBERLOFF, 1998; SAMMARCO; PRINTES, 2004). Conforme enfatizado por Buss *et al*. (2007, p.169):

O fato dessas espécies serem carismáticas e despertarem a atenção do público em geral, facilita o processo de sensibilização e ressignificação dos processos



ambientais. A abordagem de espécie-bandeira está relacionada à abertura de diálogo entre os educadores, as comunidades do entorno de determinado foco de ação e a sociedade em geral. Através do estudo das relações ecológicas da espécie-bandeira, pode-se trabalhar uma visão holística dos processos ecossistêmicos e não apenas a espécie isolada. Dessa forma, pode-se buscar a conservação de um ecossistema através de uma única espécie.

Uma estratégia que pode utilizar espécies-bandeira como foco em situações de ensino-aprendizagem e no desenvolvimento de uma postura mais consciente diante da aprendizagem é o cinema em sala de aula. O cinema possibilita associar a dimensão ficcional dos filmes a uma realidade social, efetivando as aprendizagens possíveis uma vez que as produções cinematográficas, desde que utilizadas com intencionalidade e metodologia adequadas, colocam em funcionamento o raciocínio a partir de uma relação de afetividade e identificação com a realidade cinematográfica, ao invés de se repetir somente modelos e fórmulas. (SANTOS, 2016). Dessa forma,

O uso dos recursos didáticos, como os filmes nas escolas, e o instrumento no qual o professor passa a despertar o seu aluno para um tema ou conteúdo, levando-o a fazer relações e elaborações pessoais sobre a sua visão da realidade, compartilhando-as no espaço da sala de aula. (SANTOS, 2016, p.51).

Como forma de abordar a questão das orcas em cativeiro em sala de aula, uma proposta de atividade consiste na projeção de dois dos três filmes aqui discutidos para dois grupos diferentes de alunos: o grupo 1 assistiria "Orca, a baleia assassina", e o 2, "Free Willy". Cada grupo terá contato com uma representação diferente das orcas, veiculada pelo cinema: um delas, com viés mais negativo (Grupo 1) e o outro mais positivo (Grupo 2), porém com uma perspectiva negativa de manutenção desses cetáceos em cativeiro. Cada grupo elencará, então, os aspectos mais importantes das orcas apresentados em cada filme, bem como quais seriam as implicações de mantê-las em cativeiro, considerando a representação desses animais em cada caso. A próxima etapa seria a realização de um debate no qual cada grupo fará uma exposição dos principais pontos levantados e, por fim, a classe proporá uma síntese que consolide os pontos apresentados pelos grupos e quais os impactos possíveis dessas construções cinematográficas para a percepção do público e para a conservação das orcas e do ambiente no qual elas coexistem.

O efeito positivo do cinema na aquisição do conhecimento pode se refletir na aprendizagem de ações voltadas para a Educação Ambiental (SILVA *et al.*, 2021), como é o caso das espécies-bandeira retratadas em produções audiovisuais e suas potencialidades para a conservação e superação da perspectiva de sua manutenção em cativeiro, como é o caso das orcas aqui discutido. Conforme ressaltado por Silva *et al.* (2021, p.60):

Propostas metodológicas como estas reafirmam o protagonismo da escola em seu papel social e do cinema como agente produtor de conhecimento, induzindo debates importantes do convívio entre os estudantes e também os professores. As propostas sugeridas através desses resultados evidenciam que a sociedade está inserida na natureza, e por diversas razões suas ações geram consequências e essas consequências precisam ser repensadas diante de uma lógica ambiental.



7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A situação de Tilikum, ressaltada pelo documentário, reforça a necessidade de se rever as formas de manejo das orcas e de outros animais de cativeiro, para se evitar uma perspectiva de orcas enquanto assassinas vorazes que se popularizou com o filme dos anos 70 *Orca, the killer whale!* O cenário ideal seria o representado em *Free Willy*, no qual a libertação do cativeiro e a retomada da vida livre seriam uma solução adequada à questão, porém essa não seria a realidade da maioria das orcas mantidas em parques aquáticos, como é ilustrado no próprio caso de Willy (Keiko), cuja liberação do cativeiro custou milhões de dólares e ela nunca chegou a ser efetivamente livre, necessitando de cuidados humanos até o fim da vida. (SIMON *et al.*, 2009).

Uma alternativa seria, primeiro, proibir-se a captura e a manutenção de orcas em cativeiro, segundo a catalogação daqueles indivíduos cativos que apresentassem condições favoráveis para serem soltos no oceano e, terceiro, garantir às outras orcas cativas que pudessem viver de forma digna e sem a pressão do exibicionismo dos shows até o final de suas vidas.

Além disso, a análise dos três filmes aqui apresentada indica uma construção superficial desses cetáceos, o que pode ocorrer com representações de outros animais não humanos que também são retratados no cinema, como é o caso do chimpanzé *Cesar* em "O Planeta dos Macacos" ou aqueles evidenciados em animações de diversos estúdios cinematográficos. Por outro lado, essa superficialidade e distanciamento da perspectiva biológica sobre esses organismos possibilita uma vasta gama de discussões em sala de aula acerca dos limites e possibilidades do cinema, que além de entreter também possibilita aprendizagens.

8. REFERÊNCIAS

- ALVES, F. *et al.* The incidence of bent dorsal fins in free-ranging cetaceans. **Journal of anatomy**, v.232, n.2, p.263-269, 2018.
- ANDERSON, R.; WAAYERS, R.; KNIGHT, A. Orca behavior and subsequent aggression associated with Oceanarium confinement. **Animals**, v.6, p.1-16, 2016.
- BLACKFISH (*Blackfish, fúria animal*) Gabriela Cowperthwaite. Estados Unidos: 83 min., 2013.
- BOAS, M. H. V.; DIAS, R. Biodiversidade e turismo: o significado e importância das espécies-bandeira. **Turismo & Sociedade**, v.3, n.1, p.91-114, 2010.
- BURFORD, C. *et al.* Internatural activists and the "Blackfish Effect": contemplating captive orcas' protest rhetoric through a coherence frame. **Frontiers in Communication**, v.1, p.16, 2017.
- BUSS, G.; LOKSCHIN, L. X.; SETUBAL, R. B.; TEIXEIRA, F. Z. A abordagem da espécie-bandeira na Educação Ambiental: estudo de caso do bugio-ruivo (*Alouatta guariba*) e o Programa Macacos Urbanos. In: GORCZEWSKI, Clóvis. **Direitos Humanos, Educação e Meio Ambiente**. Porto Alegre: Evangraf Editora, 2007.
- CATELLI, R. E. O cinema educativo nos anos de 1920 e 1930: algumas tendências presentes na bibliografia contemporânea. **Intexto**, v.1, n.12, p.1-15, 2005.
- CLARK, S. T.; ODELL, D. K.; LACINAK, C. T. Aspects of growth in captive killer whales (*Orcinus orca*). **Marine Mammal Science**, v.16, n.1, p.110-123, 2000.



- FORD, J. K. B.; ELLIS, G. M. Killer whales attacks on minke whales: prey capture and antipredator tactics. **Marine Mammal Science**, v.21, n.4, p.603-618, 2005.
- FORD, J. K. B. Killer whale: *Orcinus orca*. In: **Encyclopedia of marine mammals**. Academic Press, 2009. p.650-657.
- FREE Willy. Simon Wincer. Estados Unidos, França e México: 112 min., 1993.
- JETT, J. *et al.* Tooth damage in captive orcas (*Orcinus orca*). **Archives of Oral Biology**, v.84, p.151-160, 2017.
- JETT, J.; VENTRE, J. Orca (*Orcinus orca*) captivity and vulnerability to mosquito-transmitted viruses. **Journal of Marine Animal and their Ecology**, v.5, n.2, p.9-16, 2012.
- JETT, J.; VENTRE, J. Captive killer whale (*Orcinus orca*) survival. **Marine Mammal Science**, v.31, n.4, p.1362-1377, 2015.
- LOADENTHAL, M.; STEPHAN, C. L. Operação *Splash Back!*: a queerização da libertação animal e as contribuições dos neo-insurrecionários *queers*. **Revista Latinoamericana de estudos críticos animais**, v.3, n.2, p.142-179, 2016.
- MADAGASCAR. Direção: Tom McGrath, Eric Darnell. Estados Unidos: 86 min., 2005.
- MERLEAU-PONTY, M. **A estrutura do comportamento**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- MILLER Jr., G. **Ciência Ambiental**. São Paulo: Thomson, 2007.
- OLIVEIRA, B. J. Cinema e imaginário científico. **História, ciências, saúde-manguinhos**, v.13, p.133-150, 2006.
- ORCA, the killer whale (*Orca, a baleia assassina*) Michael Anderson. Estados Unidos, Países Baixos e Itália: 92 min., 1977.
- PARSONS, E. C. M.; WARBUTON, C. A.; WOODS-BALLARD, A.; HUGHES, A.; JOHNSTON, P. The value of conserving whales: the impacts of cetacean-related tourism on the economy of rural West Scotland. **Aquatic Conservation: Marine and Freshwater Ecosystems**, v.13, n.5, p.397-415, 2003.
- RATATOUILLE. Direção: Brad Bird. Estados Unidos: 111 min., 2007.
- RECHBERG, M. J. Dying to entertain us or living to educate us-a comprehensive investigation of captive killer whales, their trainers, and how the law must evolve to meet their needs. **Journal of National Association of Administrative Law Judiciary**, v.31, p.720, 2011.
- RIO. Direção: Carlos Saldanha. Brasil: 96 min., 2011.
- SAMMARCO, Y. M.; PRINTES, R. C. Desenvolvimento de uma escola-pólo em educação ambiental: a conservação do bugio e seu hábitat. In: **Educação Ambiental: vários olhares e várias práticas**. Porto Alegre: Mediação, 2004.
- SANTOS, G. A. S. S. O cinema como recurso didático no ensino da evolução das espécies e da educação ambiental. **Ideias & Inovação**, v.3, n.1, p.45-56, 2016.



SCARPACI, C.; DAYANTHI, N. Compliance with regulations by "swim-with-dolphins" operations in Port Philip Bay, Victoria, Australia. **Environmental Management**, v.31, n.3, p.342-347, 2003.

SEMPRE AO SEU LADO. Direção: Lasse Hallström. Estados Unidos: 93 min., 2009.

SILK, M. J. *et al.* Considering connections between Hollywood and biodiversity conservation. **Conservation Biology**, v.32, n.3, p.597-606, 2017.

SILVA JR., J. M. Turismo de observação de mamíferos aquáticos: benefícios, impactos e estratégias. **Revista Brasileira de Ecoturismo**, v.10, n.2, p.433-465, 2017.

SILVA, Jessika Sabryna Gomes da; FÉRRER, Anderson Tafarel de Brito; SANTOS, Jenner Everton dos. A natureza em cena: a importância do cinema para as aulas de educação ambiental. **Cadernos de ciência & Tecnologia**, v.2, n.4, p.50-62, 2021.

SIMBERLOFF, D. Flagships, umbrellas, and keystones: is single-species management passé in the landscape era? **Biological Conservation**, v.83, n.3, p.247-257, 1998.

SIMON, M. *et al.* From captivity to the wild and back: an attempt to release Keiko the killer whale. 2009.

SUÁREZ-ESTEBAN, A.; MIJÁN, I. Orca – *Orcinus orca*. In: SANZ, J.J.; BARJA, I. **Enciclopedia Virtual de los Vertebrados Españoles**. Madrid: Museo Nacional de Ciencias Naturales, 2017.

VILAS-BOAS, M.H.A.; DIAS, R. Biodiversidade e turismo: o significado e importância das espécies-bandeira. **Turismo & Sociedade**, v.3, p.91-114, 2010.

VIZACHRI, T. R. Animais humanos ou humanos animais? um estudo sobre a representação dos animais antropomorfizados nos filmes de animação. 2014. 137 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Culturais) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

WALLER, R. L.; ILUZADA, C. L. Blackfish and SeaWorld: A Case Study in the Framing of a Crisis. **International Journal of Business Communication**, v.57, n.2, p.227-243, 2020.

WEARING, S.; BUCHMANN, A.; JOBBERNS, C. Free Willy: the whale-watching legacy. **Worldwide Hospitality and Tourism Themes**, v.3, n.2, p.127, 2011.

YONG, D. L.; FAM, S. D.; LUM, S. Reel conservation: can big screen animations save tropical biodiversity? **Tropical Conservation Science**, v.4, n.3, p.244-253, 2011.

Submetido em: **13/07/2021**

Aceito em: **14/12/2021**